

Goalball na **Escola**

Um Guia Pedagógico para a Educação Física inclusiva



Renato Marchesi
Fábio Ricardo Mizuno Lemos
PROEF/UFSCar
2026

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marchesi, Renato
Goalball na escola [livro eletrônico] :
um guia pedagógico para a educação física
inclusiva / Renato Marchesi, Fábio Ricardo
Mizuno Lemos. -- 1. ed. -- São Carlos, SP :
Ed. dos Autores, 2026.

PDF

ISBN 978-65-02-00506-4

1. Educação física 2. Educação inclusiva
3. Esportes 4. Inclusão escolar I. Lemos, Fábio
Ricardo Mizuno. II. Título.

26-346008.0

CDD-796.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação física : Inclusão escolar : Esporte
796.07

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

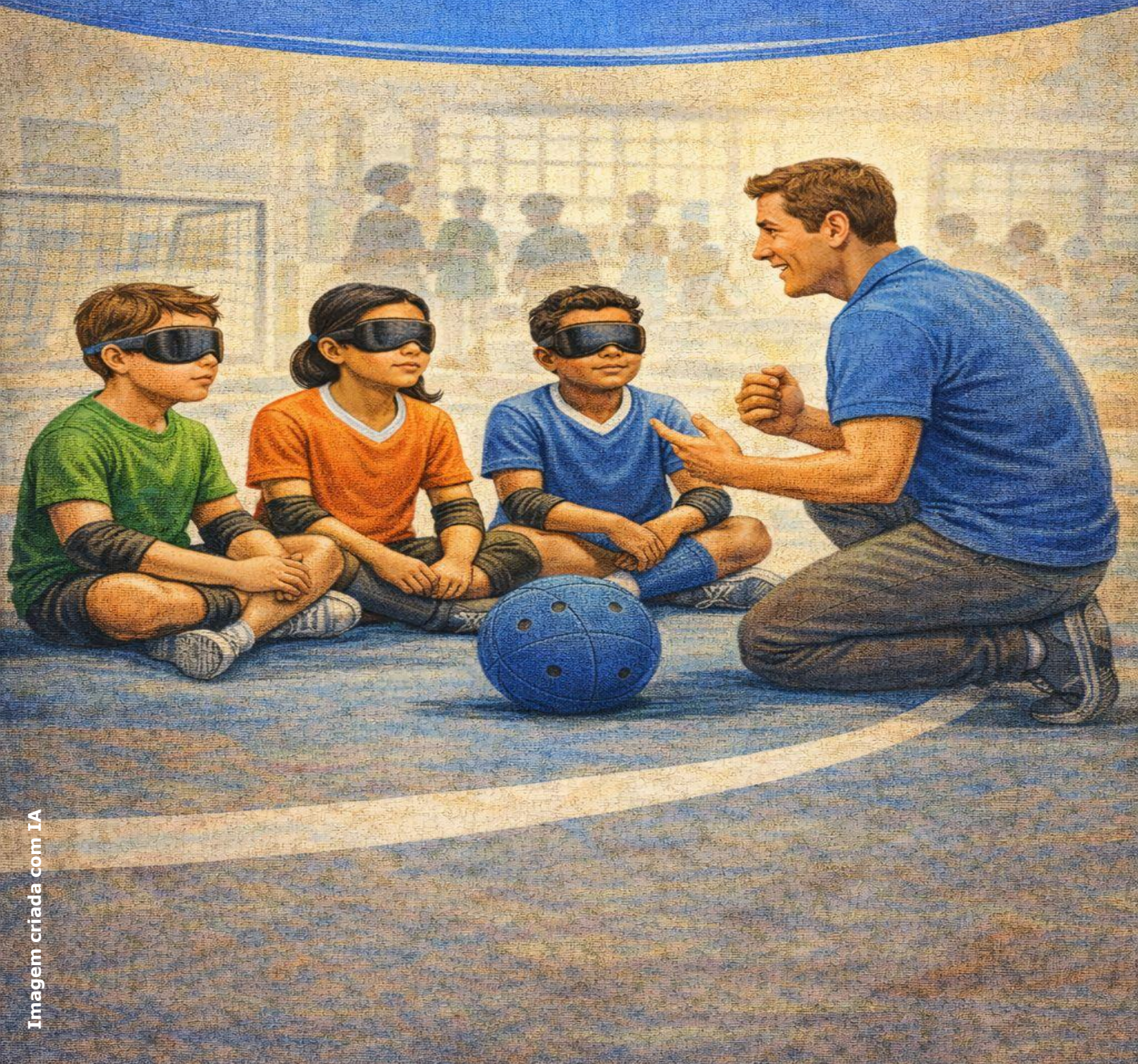
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Mestrado Profissional - Educação Física em Rede Nacional –
PROEF
SÃO CARLOS-SP
2026

Sumário

Apresentação	04
Por que trabalhar o Goalball na escola?	06
Princípios para trabalhar o Goalball como prática pedagógica inclusiva	10
Como organizar uma unidade didática de Goalball na escola	14
Possibilidades Práticas: exemplos de aulas e variações do Goalball na escola	19
O Papel do(a) Professor(a): Mediação, Escuta e Intencionalidade Pedagógica	27
Considerações	31
Referências	32

Capítulo 1:

Apresentação



Apresentação

Este e-book foi desenvolvido como parte dos requisitos do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) e nasce da experiência concreta de ensino do Goalball em aulas de Educação Física escolar. Não se trata de um manual fechado, nem de um roteiro a ser seguido passo a passo, mas de um guia de possibilidades pedagógicas, construído a partir de uma unidade didática desenvolvida com estudantes do Ensino Fundamental.

A escolha pelo Goalball como conteúdo não se deu apenas por se tratar de uma modalidade paralímpica, mas por seu potencial educativo. Ao exigir escuta, comunicação, cooperação e organização coletiva, o Goalball cria situações em que todos(as) os(as) estudantes partem de condições semelhantes de participação, possibilitando reflexões sobre inclusão que emergem da própria vivência corporal (Marchesi, 2026).

Na Educação Física escolar, trabalhar com esportes adaptados não significa “adaptar o(a) aluno(a) ao jogo”, mas organizar o jogo para que diferentes alunos(as) possam participar. Essa perspectiva dialoga com autores que compreendem a Educação Física como prática pedagógica situada, construída nas relações entre sujeitos, conteúdo e contexto, e não como mera reprodução de modelos esportivos.

Este guia foi pensado especialmente para professores e professoras da Educação Física que atuam em contextos escolares diversos e que, muitas vezes, encontram dificuldades para inserir conteúdos inclusivos de forma contínua e significativa. Ao longo dos capítulos, são apresentadas reflexões, sugestões de organização das aulas e exemplos extraídos da prática, com o objetivo de inspirar adaptações, e não de prescrever receitas.

Assim, o Goalball é apresentado aqui como um meio pedagógico, e não como um fim em si mesmo. Um conteúdo que pode favorecer aprendizagens corporais, sociais e reflexivas, contribuindo para que a inclusão seja vivida na prática cotidiana da escola.

Capítulo 2:

Por que trabalhar Goalball na escola?



Por que trabalhar o Goalball na escola?

Trabalhar com Goalball na Educação Física escolar vai muito além da apresentação de uma modalidade paralímpica. Trata-se de uma oportunidade pedagógica para reorganizar a lógica do jogo, ampliar formas de participação e provocar reflexões que emergem da própria prática corporal.

1. O Goalball desloca o olhar para outros sentidos

O Goalball convida os(as) estudantes a explorarem:

- a escuta;
- a percepção espacial;
- a atenção ao corpo;
- a comunicação verbal e não verbal.

Esse deslocamento amplia a compreensão de que o movimento não depende apenas da visão e favorece experiências corporais diferentes das práticas esportivas tradicionais.

2. Todos(as) partem de condições semelhantes de participação

No Goalball, todos(as) os(as) participantes utilizam vendas, o que cria uma condição inicial mais equânime de jogo. Isso não elimina as dificuldades, mas desloca o foco:

- da limitação individual;
- para a organização coletiva da prática.

Essa característica favorece reflexões concretas sobre inclusão, pois os(as) estudantes percebem, na prática, que a participação depende das condições pedagógicas criadas, e não apenas das capacidades individuais.

Por que trabalhar o Goalball na escola?

3. Comunicação e cooperação deixam de ser “opção” e viram necessidade

- sem comunicação, o jogo não acontece;
- sem cooperação, a equipe não funciona;
- sem organização coletiva, a participação se fragiliza.

Diferente de muitos esportes escolares, em que a comunicação pode ser secundária, aqui ela se torna estruturante do jogo. Isso cria situações em que os(as) estudantes precisam:

- ouvir o outro;
- orientar colegas;
- confiar nas decisões do grupo.

Essas aprendizagens dialogam com a compreensão da Educação Física como prática pedagógica situada, em que o sentido do conteúdo é produzido nas relações entre as pessoas.

4. O jogo favorece reflexão, adaptação e protagonismo

O Goalball possibilita que os(as) próprios(as) estudantes:

- percebam dificuldades;
- proponham mudanças;
- ajustem regras e estratégias;
- avaliem o funcionamento do jogo.

Esse processo favorece o protagonismo discente, entendido não como autonomia individual isolada, mas como autoria construída coletivamente, a partir das necessidades da prática.

Por que trabalhar o Goalball na escola?

5. É uma modalidade possível no contexto da escola pública

Do ponto de vista prático, o Goalball apresenta vantagens importantes:

- possibilidade de adaptação do espaço e de materiais;
- flexibilidade de regras;
- viabilidade em quadras escolares comuns.

Essas características tornam o Goalball uma alternativa viável para diferentes realidades escolares, inclusive em contextos de maior vulnerabilidade social, ampliando o acesso a práticas inclusivas de forma contínua e não apenas pontual.

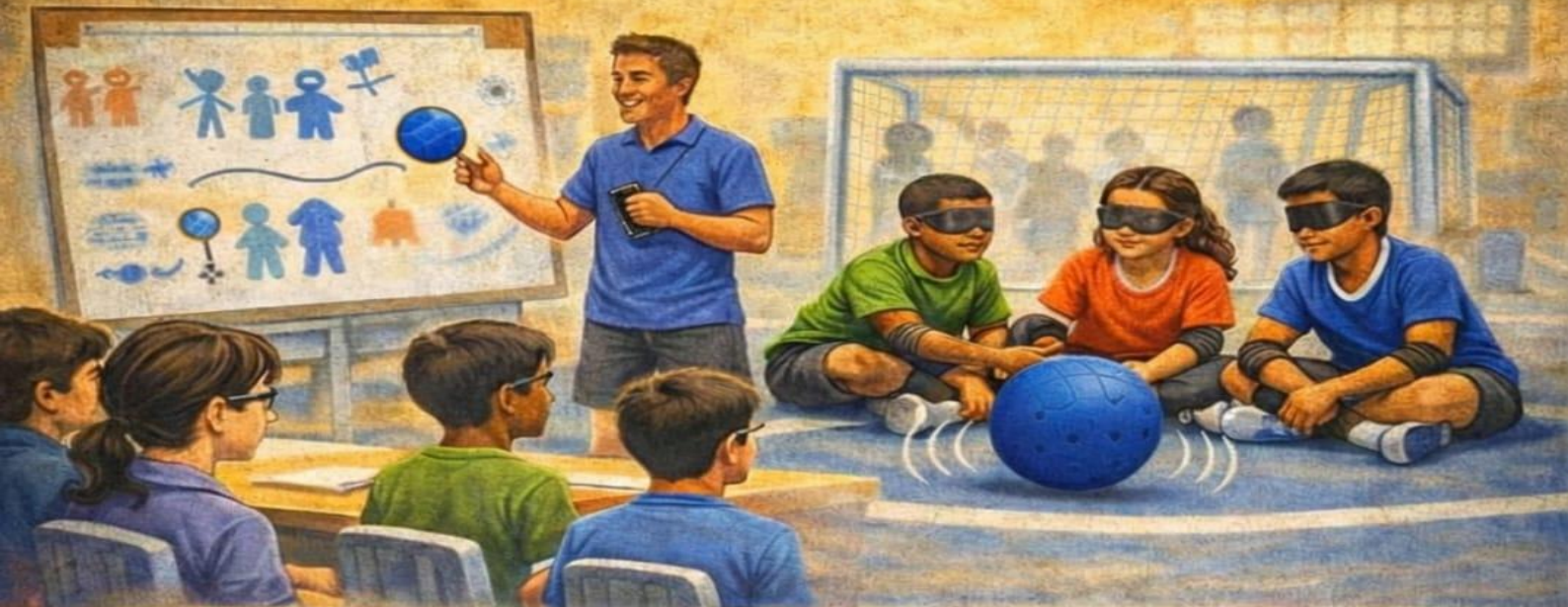
Em síntese, trabalhar com Goalball na escola possibilita:

- ampliar experiências corporais;
- problematizar a inclusão a partir da prática;
- fortalecer cooperação e comunicação;
- desenvolver protagonismo discente;
- tratar o esporte como conteúdo pedagógico, e não apenas como modalidade.

Mais do que ensinar um esporte adaptado, o Goalball possibilita ensinar a jogar junto, em condições diversas, reconhecendo a diferença como parte constitutiva da experiência escolar.

Capítulo 3:

Princípios para trabalhar o Goalball como prática pedagógica inclusiva



Sensibilização

Jogo

Reflexão



Princípios para trabalhar Goalball como prática pedagógica inclusiva

Mais do que ensinar regras ou gestos técnicos, trabalhar com Goalball na escola exige assumir alguns princípios pedagógicos que orientam as escolhas do(a) professor(a) ao longo das aulas.

1. O foco está na experiência, não no desempenho

No contexto escolar, o Goalball não deve ser tratado a partir de critérios de rendimento ou eficiência esportiva. O mais importante é a experiência vivida pelos(as) estudantes, aquilo que sentem, percebem e constroem ao longo do processo.

Na prática:

- errar faz parte do processo;
- o tempo de adaptação é respeitado;
- o jogo é ajustado conforme as necessidades da turma.

No Goalball, ouvir é jogar. O silêncio, a orientação verbal e a atenção aos sons deixam de ser regras externas e passam a ser condições reais de participação.

Trabalhar com esse princípio significa reconhecer que:

- comunicação não é acessório;
- cooperação não é discurso;
- escuta é aprendizagem corporal.

2. A escuta e a comunicação são conteúdos do jogo

Na prática:

- combinados são construídos com a turma;
- os(as) próprios(as) estudantes regulam o silêncio;
- orientar o(a) colega vira responsabilidade coletiva.

Princípios para trabalhar Goalball como prática pedagógica inclusiva

3. A inclusão se constrói na organização da prática

Um princípio central do trabalho com Goalball é compreender que a inclusão não está no(a) aluno(a), mas na forma como a aula é organizada. A participação depende:

- do espaço;
- das regras;
- da mediação do(a) professor(a);
- das relações entre os(as) estudantes.

Na prática:

- regras podem ser ajustadas;
- tempos podem ser ampliados;
- funções podem ser redistribuídas;
- o jogo muda para que todos(as) possam jogar.

4. O jogo é construído com os(as) estudantes, não para eles(as)

O Goalball oferece inúmeras possibilidades de ajustes e variações. Assumir esse princípio significa abrir espaço para que os(as) estudantes:

- proponham mudanças;
- avaliem o jogo;
- negociem regras;
- reflitam sobre o que funciona ou não.

Esse movimento favorece o protagonismo discente, entendido como autoria compartilhada e responsabilidade coletiva, e não como autonomia individual isolada.

Princípios para trabalhar Goalball como prática pedagógica inclusiva

Na prática:

- os(as) alunos(as) ajudam a organizar o jogo;
- o(a) professor(a) media, não centraliza;
- decisões são discutidas após as vivências.

5. Jogar também é pensar sobre o que se joga

Outro princípio importante é garantir momentos de reflexão ao longo da unidade didática. No Goalball, pensar sobre:

- o que foi difícil;
- o que mudou;
- o que ajudou;
- o que atrapalhou.

Na prática:

- pequenas rodas de conversa;
- registros escritos ou sensoriais;
- socialização das percepções da turma.

Em síntese, trabalhar com Goalball como prática pedagógica inclusiva implica assumir que:

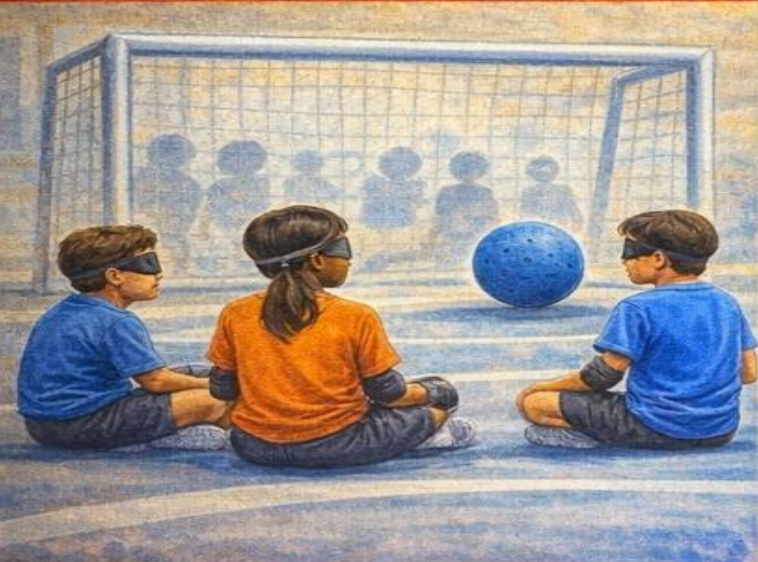
- o jogo é meio, não fim;
- a inclusão é construída coletivamente;
- o erro faz parte da aprendizagem;
- a comunicação organiza a prática;
- os(as) estudantes são protagonistas do processo.

Esses princípios ajudam a transformar o Goalball em um conteúdo pedagógico potente, capaz de promover aprendizagens corporais, sociais e reflexivas no contexto da Educação Física escolar.

Capítulo 4:

Como organizar uma unidade didática de Goalball na escola

Jogos Práticos



Variações

Sentados



Ajoelhados



Sensibilização

Jogo

Em grupos menores



Como organizar uma unidade didática de Goalball na escola

Este capítulo não apresenta um modelo fechado, mas uma proposta orientadora, pensada para ajudar professores(as) a planejarem e adaptarem o Goalball à realidade de suas turmas. A unidade didática pode ser reorganizada conforme o tempo disponível, o espaço da escola e o perfil dos(as) estudantes.

Estrutura geral da unidade didática

A unidade didática de Goalball pode ser organizada em três grandes momentos, que se articulam ao longo das aulas:

1. Aproximação e sensibilização
2. Vivência e desenvolvimento do jogo
3. Reflexão, sistematização e síntese

Etapa 1 – Aproximação ao Goalball e sensibilização

Este primeiro momento tem como objetivo introduzir a experiência da privação visual e provocar reflexões iniciais sobre inclusão, percepção corporal e cooperação.

Possibilidades de atividades:

- deslocamentos simples com vendas;
- jogos de orientação no espaço;
- atividades de confiança em duplas ou trios;
- exploração sonora do ambiente.

Focos pedagógicos:

- segurança;
- escuta;

Como organizar uma unidade didática de Goalball na escola

- reconhecimento do espaço;
- primeiras sensações corporais.

Aqui, não há cobrança de desempenho. O foco está em sentir, perceber e experimentar.

Etapa 2 – Vivência do Goalball e desenvolvimento do jogo

Na segunda etapa, o Goalball passa a ser vivenciado de forma mais estruturada, mas sempre aberta a adaptações. As regras são apresentadas gradualmente, e o jogo vai sendo construído com a turma.

Possibilidades de organização:

- jogos reduzidos;
- adaptação do tamanho da quadra;
- variação no número de jogadores;
- pausas frequentes para diálogo;
- construção coletiva de combinados.

Aprendizagens em destaque:

- comunicação verbal;
- orientação e escuta;
- cooperação;
- organização coletiva;
- compreensão da lógica do jogo.

Essa etapa evidencia que, no Goalball, ninguém joga sozinho.

Como organizar uma unidade didática de Goalball na escola

Etapa 3 – Reflexão, ajustes e síntese das aprendizagens

A terceira etapa não acontece apenas no final da unidade, mas atravessa todo o processo. Ainda assim, ela ganha maior densidade nas aulas finais, quando os(as) estudantes conseguem olhar para o percurso vivido.

Possibilidades de reflexão:

- rodas de conversa;
- registros escritos ou sensoriais;
- produção de textos, cartazes ou apresentações;
- socialização das aprendizagens.

Questões disparadoras:

- O que foi mais difícil?
- O que mudou ao longo das aulas?
- O que ajudou o jogo a funcionar?
- O que aprendemos sobre inclusão?

Esse momento é essencial para transformar a vivência em aprendizagem consciente.

Avaliação ao longo da unidade

A avaliação no Goalball deve ser processual e formativa, acompanhando o desenvolvimento dos(as) estudantes ao longo das aulas.

Aspectos possíveis de observação:

- participação;

Como organizar uma unidade didática de Goalball na escola

- comunicação;
- cooperação;
- respeito aos combinados;
- envolvimento nas reflexões;
- capacidade de reorganizar a prática.

Avaliar não significa classificar, mas compreender o percurso de aprendizagem, ajustando as propostas sempre que necessário.

Em síntese, organizar uma unidade didática de Goalball implica:

- respeitar os tempos da turma;
- adaptar regras e espaços;
- valorizar o processo, não o rendimento;
- abrir espaço para escuta e reflexão;
- compreender a inclusão como construção coletiva.

O Goalball, quando tratado dessa forma, deixa de ser apenas um esporte adaptado e passa a ser um conteúdo pedagógico potente, capaz de mobilizar corpo, pensamento, relações e sentidos.

Imagem criada com IA

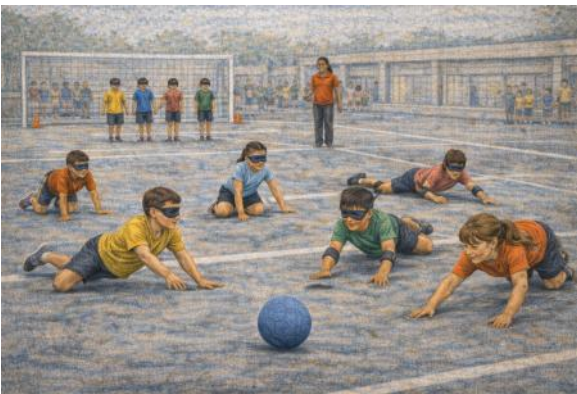


Imagem criada com IA



Capítulo 5:

Possibilidades práticas: exemplos de aulas e variações do Goalball na escola



Medo

Ajuste

Cooperação



Possibilidades práticas: exemplos de aulas e variações do Goalball na escola

Este capítulo apresenta exemplos de organização das aulas, não como um roteiro fixo, mas como possibilidades abertas, que podem (e devem) ser adaptadas conforme o contexto da escola, o espaço disponível e o perfil da turma.

A ideia central é mostrar que o Goalball não precisa ser “oficial” para ser pedagógico. Pequenas adaptações já permitem vivências ricas e inclusivas.

Aulas iniciais – Sentir antes de jogar

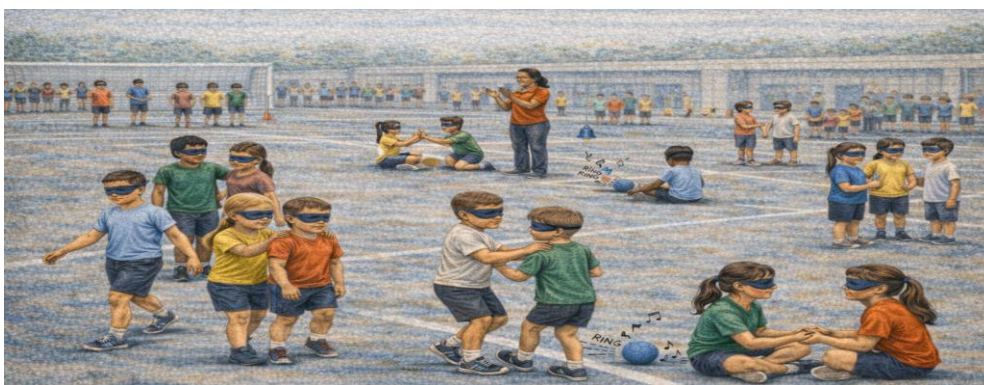
Nas primeiras aulas, o foco está em experimentar a privação visual e compreender o espaço corporalmente.

Sugestões de atividades:

- Caminhar pela quadra com vendas, explorando o espaço;
- Deslocamentos guiados por colegas;
- Jogos simples de seguir sons (palmas, chocalhos, bolas sonoras);
- Atividades em duplas para desenvolver confiança.

O Goalball, quando tratado dessa forma, deixa de ser apenas um esporte adaptado e passa a ser um conteúdo pedagógico potente, capaz de mobilizar corpo, pensamento, relações e sentidos.

Imagem criada com IA



Possibilidades práticas: exemplos de aulas e variações do Goalball na escola

O que observar:

- medo;
- insegurança;
- necessidade de ajuda;
- primeiras estratégias espontâneas.

Aqui, não se ensina Goalball ainda. Ensina-se a perceber, escutar e confiar.

Aulas intermediárias — Construindo o jogo com a turma

Com a turma mais segura, o Goalball começa a ser apresentado de forma progressiva.

Possibilidades de adaptação:

- quadra reduzida;
- menos jogadores por equipe;
- bolas sonoras improvisadas;
- tempo menor de jogo;
- pausas frequentes para conversa.

Propostas pedagógicas:

- criar combinados coletivos;
- discutir como organizar o time;
- experimentar posições diferentes;
- ajustar regras junto com os(as) alunos(as).

Nesse momento, os(as) estudantes passam a entender que:

- sem comunicação, o jogo não funciona;

Possibilidades práticas: exemplos de aulas e variações do Goalball na escola

- a cooperação é condição para jogar.

Aulas de aprofundamento — Estratégias e tomada de decisão

À medida que o jogo evolui, surgem aprendizagens mais ligadas à organização coletiva e às estratégias.

Exemplos de foco das aulas:

- posicionamento defensivo;
- controle da força do lançamento;
- escuta atenta da bola;
- silêncio como regra do jogo;
- decisões coletivas antes de jogar.

Aqui, o(a) professor(a) pode provocar reflexões como:

- “O que ajudou o time a defender melhor?”
- “O que atrapalhou o jogo?”
- “Como podemos melhorar juntos?”

Essas perguntas ajudam os(as) estudantes a pensar o jogo, e não apenas jogá-lo.

Variações possíveis do Goalball

O Goalball permite muitas variações pedagógicas:

- jogar sentado, ajoelhado ou em pé;
- modificar o tamanho do gol;
- variar o número de bolas;
- criar jogos cooperativos sem placar;

Possibilidades práticas: exemplos de aulas e variações do Goalball na escola

- inverter funções (quem orienta, quem joga, quem observa).

Essas variações ajudam a:

- manter o interesse da turma;
- atender diferentes níveis de participação;
- ampliar as possibilidades de inclusão.

Momentos de reflexão e registro

Refletir faz parte da aula.

Algumas possibilidades:

- rodas de conversa ao final da aula;
- pequenos registros escritos;
- diário sensorial;
- cartazes coletivos;
- apresentações para outras turmas.

Esses momentos ajudam os(as) estudantes a:

- organizar o que aprenderam;
- dar sentido à experiência;
- compreender a inclusão para além do discurso.

Em síntese, o Goalball pode ser trabalhado:

- com poucos materiais;
- em espaços reduzidos;
- com diferentes turmas;
- de forma progressiva e flexível.

O mais importante não é “jogar certo”, mas criar condições para que todos(as) participem, aprendam e reflitam juntos(as).

Possibilidades práticas: exemplos de aulas e variações do Goalball na escola

Exemplo de um Plano de Aula:

Tema da aula: Vivência inicial de orientação e mobilidade.

Ano/turma: 7º ano do Ensino fundamental.

Duração: 50 minutos.

Local: Quadra ou pátio/corredor amplo.

1) Objetivos da aula

Ao final da aula, espera-se que os(as) estudantes sejam capazes de:

- Refletir sobre desafios e estratégias de deslocamento de pessoas com deficiência visual;
- Vivenciar, de forma segura, a experiência de deslocar-se vendado com apoio de um guia;
- Reconhecer a importância da comunicação verbal, do respeito e do cuidado na condução do(a) colega.

2) Materiais necessários

Vendas/lenços (1 para cada dupla); Cones, cordas ou fitas para demarcar trajetos.

3) Organização da turma

Formação inicial em roda (sentados ou em pé); Depois, estudantes organizados(as) em duplas; Em cada dupla: 1 aluno(a) vendado(a) + 1 guia (depois inverter).

4) Cuidados e combinados de segurança (antes da prática)

Garantir um ambiente seguro, enfatizando: Não correr; O(A) guia não puxa o(a) colega; O(A) vendado(a) anda devagar, com as mãos próximas ao corpo; Se alguém se sentir desconfortável, pode parar e avisar; O trajeto será feito primeiro na quadra e só depois em outros espaços sem obstáculos.

Possibilidades práticas: exemplos de aulas e variações do Goalball na escola

5) Desenvolvimento da aula

ETAPA 1 – Acolhida e roda inicial

Reunir a turma em roda; Explicar que a aula terá três momentos: conversa inicial + vivência prática + conversa final.

Manter tom acolhedor e instigar a curiosidade, sem antecipar “respostas certas”.

ETAPA 2 – Conversa guiada sobre inclusão

Levantar conhecimentos prévios e significados do grupo:

Pergunta disparadora: “Quando vocês ouvem a palavra inclusão, o que vem à cabeça?”;

Estimular falas rápidas: “Pode falar em uma frase?”; Ampliar com perguntas de aprofundamento: “Incluir é só colocar junto no mesmo lugar?”; “Como a gente percebe quando alguém está sendo deixado de lado?”; Conectar com o cotidiano escolar: “Vocês já conviveram com alguém com deficiência aqui na escola ou fora dela?”; Mediar as falas e organizar o sentido coletivo: “Inclusão tem a ver com participar, ser respeitado e não ficar sozinho”; Fechamento da etapa: “Hoje vamos vivenciar, de forma segura, a experiência de caminhar sem enxergar e perceber como a comunicação e o cuidado fazem diferença”.

ETAPA 3 – Preparação da vivência prática

Formar as duplas (pode ser por proximidade ou sorteio); Explicar os papéis: “Um será o guia e o outro ficará vendado”; Explicar como guiar com segurança: “O guia caminha ao lado, falando com clareza: ‘um passo’, ‘vamos virar’, ‘tem uma linha’, ‘pare’”; Reforçar a regra principal: “Não é corrida. É confiança e cuidado”.

Possibilidades práticas: exemplos de aulas e variações do Goalball na escola

ETAPA 4 – Vivência: deslocamento na quadra e em outros espaços

Entregar/organizar vendas; Iniciar com um percurso simples dentro da quadra: andar em linha reta até um cone; virar e voltar; contornar um cone. Enquanto as duplas fazem o trajeto, circular e observar; intervir quando necessário: "Guia, avise antes de virar"; "Vendado, caminhe mais devagar"; "Falem mais com o(a) colega"; "Vamos respeitar o(a) colega".

Selecionar um espaço seguro (pátio ou corredor amplo) e orientar sobre o que tem ao redor: parede, degrau, porta; Manter supervisão constante e delimitar onde as duplas podem ir.

Trocar os papéis nas duplas: "Agora invertam: quem foi guia, será vendado"; Repetir os trajetos.

ETAPA 5 – Roda final de compartilhamento

Perguntas orientadoras: "Que sensações apareceram quando você estava vendado?"; "Foi fácil confiar no guia? Por quê?"; "O que o guia precisou fazer para você se sentir seguro?"; "O que essa vivência nos ensina sobre inclusão na escola?"; Sintetizar e destacar as palavras recorrentes: "insegurança, medo, desorientação, atenção, cuidado, confiança, comunicação?"; Realizar uma avaliação final sobre a aula: participações; responsabilidade ao guiar o(a) colega; uso de comunicação; atenção aos combinados.

Imagem criada com IA



Imagem criada com IA



Capítulo 6:

O papel do(a) professor(a): mediação, escuta e intencionalidade pedagógica



Mediação

Escuta

Intencionalidade
Pedagógica



O papel do(a) professor(a): mediação, escuta e intencionalidade pedagógica

Mais do que dominar regras ou técnicas do Goalball, o(a) professor(a) assume um papel central como mediador(a) da experiência pedagógica. É a forma como a prática é organizada, conduzida e refletida que transforma o Goalball em um conteúdo educativo potente.

O(A) professor(a) como mediador(a) da experiência

No Goalball, o(a) professor(a) não atua apenas como quem explica o jogo, mas como quem:

- organiza o ambiente;
- garante a segurança;
- propõe desafios adequados;
- cria espaços de escuta e diálogo.

A mediação pedagógica é fundamental para que a experiência não se reduza ao desconforto da privação visual, mas se converta em aprendizagem.

Nem tudo precisa funcionar “de primeira”. Os erros, os conflitos e as dificuldades fazem parte do processo.

Escuta sensível e leitura da turma

Trabalhar com Goalball exige atenção constante às respostas dos(as) estudantes:

- medo excessivo;
- resistência à venda;
- silêncio desconfortável;
- conflitos no grupo.

O papel do(a) professor(a): mediação, escuta e intencionalidade pedagógica

Esses sinais indicam quando:

- é preciso desacelerar;
- retomar combinados;
- adaptar a proposta;
- abrir espaço para conversa.

Escutar a turma não significa abrir mão do planejamento, mas ajustá-lo à realidade concreta da aula.

Intencionalidade pedagógica: por que e para quê jogar?

O Goalball não deve ser trabalhado apenas “porque é inclusivo”, mas porque:

- mobiliza sentidos pouco explorados;
- exige cooperação real;
- rompe com lógicas individualistas;
- provoca reflexão sobre inclusão.

Por isso, é importante que o(a) professor(a) tenha clareza:

- do que quer provocar;
- do que está observando;
- do que deseja discutir com a turma.

Perguntas simples ajudam muito:

- “O que fez o jogo funcionar hoje?”;
- “O que atrapalhou?”;
- “O que podemos mudar na próxima aula?”.

Flexibilidade e adaptação constante

Não existe um único jeito certo de ensinar Goalball na escola.

O papel do(a) professor(a): mediação, escuta e intencionalidade pedagógica

Cada turma:

- responde de um jeito;
- tem ritmos diferentes;
- cria suas próprias estratégias.

O papel do(a) professor(a) é acolher essas diferenças, adaptando:

- regras;
- tempo;
- espaço;
- número de participantes;
- formas de avaliação.

Essa flexibilidade não fragiliza a proposta, ela fortalece a inclusão.

Em síntese, o sucesso do Goalball na escola não depende:

- da quadra oficial;
- do material perfeito;
- do domínio técnico do(a) professor(a).

Depende, principalmente:

- da mediação pedagógica;
- da escuta atenta;
- da intencionalidade;
- da abertura para o diálogo;
- do compromisso com a participação de todos(as).

Quando conduzido dessa forma, o Goalball deixa de ser apenas um esporte adaptado e se transforma em uma experiência educativa potente, capaz de ensinar sobre corpo, cooperação, respeito e inclusão.

Considerações

Trabalhar **com Goalball** é mais do que ensinar um esporte; é ampliar as possibilidades da **Educação Física Escolar**. Que este guia inspire novas práticas e fortaleça a inclusão através do jogo!



Considerações

Este e-book apresenta o Goalball como uma possibilidade pedagógica para a Educação Física escolar, construída a partir da prática e da experiência em aula. Não se trata de um modelo fechado, mas de um convite para experimentar, adaptar e criar, considerando a realidade de cada escola e de cada turma.

A vivência com o Goalball mostrou que a inclusão acontece quando o jogo exige cooperação, escuta e organização coletiva. Medo, insegurança e estranhamento fazem parte do processo e podem ser trabalhados pedagogicamente, desde que o(a) professor(a) atue como mediador(a) atento(a) e intencional.

Mais do que ensinar um esporte, trabalhar com Goalball na escola é criar situações em que os(as) estudantes aprendem a jogar juntos(as), a se organizar e a respeitar o(a) colega. Que este guia sirva como apoio e inspiração para novas práticas na Educação Física escolar.

Referências

MARCHESI, Renato. **Goalball na Educação Física Escolar: compreensões a partir do desenvolvimento de uma unidade didática.** 2026. 89f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2026.



ISBN 978-65-02-00506-4

REALIZAÇÃO

Renato Marchesi

SUPERVISÃO GERAL

Fábio Ricardo Mizuno Lemos

Ilustrações

Imagens criadas com IA (ChatGPT/OpenAI)



UFSCar